

# Mitológicas: a invenção do Brasil

FRANK LESTRINGANT\*

Tradução e apresentação de LUIZ DANTAS e ALCIR PÉCORA

## NOVAS IMAGENS DO MUNDO NOVO

LUIZ DANTAS e ALCIR PÉCORA são professores de Teoria Literária da UNICAMP.

\* Excepcionalmente as notas deste texto se encontram no final do artigo, devido a problemas de ordem técnica.

*Impressiona vivamente a quantidade e qualidade dos trabalhos de Frank Lestringant, jovem professor de literatura francesa do Renascimento na Universidade de Lille-III. Nascido em 1951, é autor de vários ensaios em colaboração, além de quatro livros solos (Agrippa d'Aubigné: Les Tragiques, Paris, Presses Universitaires de France, 1986; Le Huguenot et le sauvage. L'Amérique et la Controverse Coloniale, en France, au Temps des guerres de Religion, Paris, Aux Amateurs de livres, 1990; L'Atelier du Cosmographe ou l'Image du Monde à la Renaissance, Paris, Albin Michel, 1991; e André Thevet, Cosmographe des Derniers Valois, Genebra, Droz, recém-lançado em agosto deste ano). Os três últimos, em particular, formam uma acurada trilogia em torno da literatura ensinada pelas expedições francesas à América, a partir da segunda metade dos quinhentos, com especial destaque para a que tematiza a França Antártica, intentada vãmente em terras cariocas. E Lestringant ainda editou três textos de André Thevet (Singularités de la France Antarctique, Paris, La Découverte/Maspéro, 1983; Voyages en Égypte des années 1549-1552: Jean Chesneau – André Thevet, Cairo, Institut Français d'Archéologie Orientale, 1984; e Cosmographie du Levant, edição crítica, Genebra, Droz, 1985) e outro de Clément Marot.*

*Trabalhando privilegiadamente com instrumentos da filologia, da estilística e da retórica, a par de evidente interesse etnográfico e erudição humanista, os estudos de Lestringant têm introduzido algumas hipóteses e linhas de pesquisa bastante consistentes e originais. Uma delas, que valeria a pena destacar aqui, refere-se ao estabelecimento de uma relação essencial entre a construção da figura do "bom selvagem" e a revolução metodológica operada nos relatos históricos dos viajantes quinhentistas. Grosso modo, esta relação poderia ser esquematizada em torno de três eixos de oposição. O primeiro, o da "corografia" (a descrição particularista de tradição medieval) versus "cosmografia" (o modelo ditado pelas grandes navegações do Renascimento, com seu traçado abstrato, apropriado ao desígnio expansionista); o segundo, o da "autópsia" (alegação de testemunho direto do fato) versus "confirmação" (sistema de coincidência de dados entre vários relatos); o terceiro, enfim, que confronta os dois termos da oposição anterior à "abstratização" (generalização filosófico-pedagógica das particularidades etnográficas).*

*Ainda no interior desta perspectiva, às decorrências importantes de natureza epistemológica que discute, Lestringant associa outras, sob o signo novamente atual da ética, relativas sobretudo aos métodos do*

" *revisonismo histórico* " e à *questão moral da verdade na história*.

Outra via dos estudos de Lestringant trata das mudanças da imagem renascentista do índio americano no interior do chamado " *corpus huguenote sobre a América* ". De Léry a Chauveton, de Du Plessis-Mornais a Laudonnière, de Le Challeux a La Popelinière, de Montaigne a Lescarbot, entre outros, Lestringant investiga as diferentes expectativas com que a Causa protestante tomará o Selvagem americano como maneira de figurar e repropor, tanto internamente à sua comunidade, quanto exotericamente, os perigos de sua situação francesa e européia face ao " *maquiavelismo* " da gente italiana (atualizado na Regente Catarina de Médici e na política sinuosa e voluntarista dos últimos Valois) e de Espanha, que tratava, no século XVI, de empalmar o mundo que recém-vinha de ser descoberto com a brutalidade da Conquista, de que o " *corpus huguenote* " providenciará os ecos horrorizados da " *leyenda negra* ". O trabalho de Lestringant, neste ponto, demonstra sua argúcia no exame da importante iconografia das Grandes Descobertas, que deu farta munção às propagandas antagônicas de huguenotes e católicos. Artistas como Théodore de Bry e Jacques Le Moyne de Morgues alinham-se entre os primeiros, enquanto os segundos, em diferentes momentos, vão elaborar sua pintura de contra-ataque sob a orientação, entre vários, do próprio Thevet, homem da Liga — que se destincumbe desta tarefa, exemplarmente, na produção de seus Retratos Verdadeiros —, do flamengo Richard Verstegen e do jesuíta Louis Ricbeome.

Entretanto, para buscar as imagens do Novo Mundo que resultam das lentes de Lestringant, deixemos os planos gerais e foquemos, por um instante, o capítulo que vimos de traduzir, " *Mitológicas: a invenção do Brasil* ", o terceiro do citado L'Atelier du Cosmographe. Basicamente, ele se propõe como análise minuciosa do tipo de investimento cognitivo proporcionado pelo modelo cosmográfico desenvolvido por Thevet. E, mais precisamente, procura avaliar o admirável peso específico que recebe, nas várias obras do cosmógrafo de quatro reis de França, o Selvagem do Brasil — personagem que André Thevet conheceu pessoalmente nas poucas semanas que esteve cá: vindo com Villegagnon em meados de novembro de 1555, já ao final de janeiro de 1556 está de saída para o seu país, após passar adoentado boa parte deste breve período.

Isto não impediu, entretanto, como se vai ver a seguir, que o impacto desta " *autópsia* " fosse radical e acabasse por contaminar progressivamente o mapa cosmográfico universal de Thevet. A mitologia das nações indígenas do Brasil vai chegar mesmo a concorrer ao lugar retórico de análogo principal de suas singularidades com a maquinaria cosmológica clássica, obrigatória entre doutos renascentistas, que Thevet e os seus secretários manipulavam com rudeza semelhante, e menos gosto, talvez, do que o vivamente experimentado diante da fábula tupinambá. Finalmente, para facilidade de leitura do capítulo a seguir, julgamos útil relacionar as obras do cosmógrafo real que são abordadas aí, além da solitária de Jean de Léry, seu adversário de crença e profissão.

Eis as do franciscano Thevet:

CL — Cosmografia do Levante (1554 e 1556)

G1 — Grande Insular (c. 1588)

H1 — Retratos Verdadeiros e Vidas dos Homens Ilustres (1584)

H2V — História de duas Viagens às Índias Austrais e Ocidentais (c. 1587-88)

SFA — As Singularidades da França Antártica (1557)

E a do huguenote Léry:

H1V — História de uma Viagem feita à Terra do Brasil (1578 e 1580)

É mais do que bora de conhecer o que Lestringant tem a dizer — que o faça em português, confessamos nós, os tradutores, não foi tarefa das mais fáceis.



## O TROPISMO BRASILEIRO

**En parcourant les  
espaces vierges, (les  
navigateurs des  
anciens siècles)  
étaient moins  
occupés de  
découvrir un  
nouveau monde que  
de vérifier le passé  
de l'ancien. Adam,  
Ulysse leur étaient  
confirmés.**

**(Claude  
Lévi-Strauss, Tristes  
Tropiques, Paris,  
1955, p. 80)**

Em vista das dez semanas efetivamente passadas na Guanabara por Thevet, o Brasil ocupa em sua obra um lugar desmedido. Não somente as *Singularidades* de 1557 são na maior parte consagradas a ele, mas a França Antártica, perdida oficialmente em 16 de março de 1560, povoa de lembranças numerosas os quatro tomos da *Cosmografia Universal*. Um livro todo, o livro XXI, está preenchido com a descrição dos índios tupinambás do Rio de Janeiro. Vai até o ponto de os *Retratos Verdaderos* elegerem, entre os chefes das tribos antropófagas do litoral brasileiro, dois "homens ilustres", a saber, o temível Cunhambebe, de que foi prisioneiro Hans Staden, o arcabuzeiro de Hesse, e Nacol-Absu, "Rei do Promontório dos Canibais" (1). Nos manuscritos deixados por Thevet ao morrer, a natureza e os povos da França Antártica crescem ainda em importância: a *História de duas Viagens às Índias Austrais e Ocidentais* representa o estágio quase definitivo de uma nova versão ampliada da viagem ao Brasil, a mais rica do ponto de vista documental(2). Quanto ao inédito *Grande Insular*, ele exhibe em oito mapas, dos quais quatro se conservam até hoje, um conjunto topográfico sem precedente sobre as regiões ocupadas de maneira temporária pelos franceses entre Macaé e Angra dos Reis(3).

De 1557 a 1592, o Brasil meridional constitui, em última análise, um ponto de referência constante em Thevet. Termo de comparação necessário para descrever os prodígios naturais e morais dos três outros continentes, ele serve, por exemplo, para compreender a etologia singular do camaleão da África e da Ásia, a partir do não menos maravilhoso caso do bradípode com apetite de passarinho(4). Para maior escândalo de Belleforest, e dos doutos, indignados que se pudesse conceder semelhante interesse a umas poucas braças de terra selvagem, Thevet erige a sua "América", a saber, uma parte mínima do Brasil, em paradigma do espaço longínquo.

Trata-se de descrever o hipopótamo ou cavalo-marinho, que se esconde no rio de Manicongre na África? Impõe-se o paralelo com este rio cuja embocadura se situa "próxima ao Promontório dos Canibais", e que "estes comedores de homens chamam de *Tolutiq*, palavra etíope, que significa exatamente Dentes Grandes". Ao encaixo da palavra nômade, o animal se desloca além-Atlântico, onde se descobre, contrariamente a toda e qualquer expectativa, "destas (*bellues*) marinhas, pouquíssimo consideradas pelos Bárbaros, pelo pouco prazer e contentamento que elas lhes dão: e chamam-nas em sua algaravia *Naxabaquy*, isto é, Pouca Coisa" (5).

Quer Thevet estabelecer, a respeito do "golfo Arábico" ou mar de Oman, um catálogo de "golfos desconhecidos dos Antigos"? Os exemplos tirados do Novo Mundo precipitam-se sob sua pena para chegarem, de maneira previsível, à baía de Guanabara ou "Janere",

"ali onde por muito tempo me demorei, à entrada da qual fizemos nosso forte, por temor de sermos surpreendidos pelos Bárbaros da terra, ou outros quaisquer" (6).

Em virtude do modelo cosmográfico, que faz conjugarem-se os extremos, e extrai, segundo os círculos do céu, equivalências laterais do Oriente no Ocidente ou oposições verticais do Norte ao Sul, o Brasil torna-se o termo de comparação universal, permitindo descrever a unidade multicor da natureza e das nações que cobrem a terra. As equivalências longitudinais conforme o paralelo, ou diagonais de acordo com a eclíptica, são nomeadas pelo simbolismo climático, mas são traduzidas também na estrutura dos continentes. Já nas *Singularidades*, Thevet observava uma similitude de percurso entre o Ganges e o Amazonas. Da mesma forma que o primeiro desses rios "separa uma Índia da outra, em direção ao Levante", o rio das míticas guerreiras sem homens poderá delimitar "a Índia americana" com relação "à do Peru" (7). De um a outro hemisfério, uma fronteira natural se reflete e duplica, fazendo do Novo Mundo a imagem em espelho do Velho.

Entre estas duas metades, o nome comum de "Índias" traduz ainda uma solidariedade de essências. Ao combinar a metáfora espacial, de que é devedor ao erro feliz de Colombo, com a sinédoque da parte pelo todo, Thevet é capaz de constituir uma região particular do Brasil num paradigma generalizável aos "novos horizontes" em seu conjunto. No plano dos costumes, os tupinambás servirão de modelo a todos os "bárbaros", a sua cultura material das mais toscas e as suas crenças supersticiosas representarão uma medida cômoda para avaliar o grau de selvageria ou ci-



vilidade dos povos exóticos. Pois se é evidente que esses "coitados" são "os macacos dos habitantes das Índias" (8), a recíproca exige que os "Índios" no sentido lato, da Pérsia às Molucas, e da Arábia ao Catay, sejam medidos pelo cômado dos brasileiros. Dos índios orientais a comparação se estende aos árabes, aos turcos, inimigos tradicionais da Cristandade, e mesmo às mais remotas nações da Europa, dos moscovitas aos escoceses, passando pelos escandinavos descritos por Olaus Magnus.

A hostilidade lendária dos turcos e dos árabes, que engendrará o ditado "de Turco a Mouro", poderia dispensar qualquer glosa na época de Thevet, tanto o motivo estava em vias de se tornar tópico(9). Entretanto, o cosmógrafo julga necessário recorrer ao exemplo dos brasileiros, canibais por sede de vingança, a fim de dar a este lugar-comum o seu valor superlativo:

"Eles não se estimam uns aos outros mais que entre si os margajás, tupiniquins e tabajaras da Antártica, os quais é impossível reconciliar a todos, tanto são encarniçados" (10).

É da profissão do cosmógrafo associar deste modo povos separados pelo intervalo dos oceanos, e descobrir conformidade e emulação entre eles.

O paraíso dos turcos, que Thevet considera alhures "grandemente licencioso", e onde os defuntos, sentados diante de mesas postas, em meio a airosas criadas, abrigam à vontade a sua concupiscência carnal, evoca a lembrança de um "paraíso de mesma espécie" que "nossos margajás" imaginam "para o repouso de seus *Cbertpicuares*, isto é, as almas de seus pais e mães falecidos". Estas almas bem-aventuradas caminham

"nos belos jardins, repletos de Avaty, que é o Painço, e de bons frutos, e muito Cauim, que é a sua branda bebida",

e elas "brincam continuamente com seus Pajés, que são os seus Profetas" (11).

Poder-se-ia ver aqui um desses breves esboços de mitologia comparada de que gosta Thevet, e que o fazem vislumbrar confusamente nos mitos indígenas da América do Sul variantes da história de Melusina e do Mago Merlin, ou prolongamentos insólitos da "busca do Santo Graal" (12). O mérito de um comparativismo de tal ordem é duplo: ele permite ao cosmógrafo exibir seu saber universal e ao mesmo tempo conduzir a prova de um controle global da diversidade humana, uma vez que ele reúne em sua mão e sob o seu olhar as extremidades do mundo. De mais a mais, a comparação entre os turcos e os brasileiros toma um aspecto polêmico inegável. Ofensivo para o Islã, o paralelo tem a vantagem, aos olhos de Thevet e seus leitores, de rebaixar a religião detestada ao nível da "leviana crença dos selvagens" austrais(13). O monoteísmo islâmico acha-se confundido com o xamanismo índio.

Marcada por valor depreciativo ligeiramente menos acentuado, a aproximação vale ainda para as superstições dos povos do norte da Europa. A "idolatria dos lituanos, antes de serem cristãos" traduzir-se-ia sobretudo pela adoração "de um Martelo de tamanho e espessura monstruosos", que os signos do Zodíaco teriam utilizado para liberar o Sol aprisionado numa torre(14). Deste mito singular, Thevet não deixa de aproximar a "bela fábula" dos selvagens da Antártica, quando imaginam que três estrelas do céu converteram-se um dia, pela vontade de Maire-Monan, em três altas montanhas de sua terra.

A "história da ignorância deste povo" pleiteia alhures a sua possível conversão ao cristianismo. Em débito com Olaus Magnus de sua informação sobre as crenças do povo de Thylé, que distingue nos estalidos do gelo os gemidos das almas do Purgatório, Thevet coloca esta sábia superstição, que tem o mérito de bombardear o avanço do luteranismo nos países escandinavos, em paralelo com a outra superstição observada por ele entre "os pobres Selvagens mais que bárbaros que se encontram entre os dois Trópicos" (15). Estes sabem através de seus antepassados que, pelo canto plangente de um pássaro, "do tamanho de um Pombo selvagem", exala-se a voz dolorosa das almas ou *Cbertpicuares* "de seus pais, mães, irmãos e amigos que padecem penas desconhecidas por eles". O canto fúnebre da ave — o *Tropony*, sem dúvida, mencionado no capítulo consagrado aos gigantes da Patagônia(16) — permite reconhecer naquelas almas rudes a presciência da verdade professada pela igreja católica e obstinadamente combatida pelos sectários dos pretensos reformadores.

Os selvagens saberão em breve "que Deus para os seus pecados lhes dá tal pena" (17), e logo vão compreender a razão dos sofrimentos póstumos. Ao estender à América do Sul a lição do arcebispo de Upsala, militante da Contra-Reforma exilado em Roma, que via com pavor os demônios e o protestantismo conquistarem a sua pátria distante(18), Thevet coloca-se na mais estrita ortodoxia, mostrando entre os povos aparentemente mais afastados da luz divina "centelhas" do sol eucarístico que em breve brilharia sobre eles. A Cristandade perdida da Europa do Norte está prestes a se reconstituir nas latitudes austrais, na outra extremidade da terra.

O império das trevas do Brasil pagão ressurgiu em outra parte a propósito do milagre de Vervins(19). O público triunfo do Santo Sacramento sobre uma possessa da Picardia evoca na memória do cosmógrafo milagres análogos obtidos sobre "Agnan Hippochi", o diabo da Antártica: o fato é que os selvagens

"eram muitas vezes livrados, ao lhes ser lido o Evangelho: a tal ponto o nome de Jesus tem força sobre as potências obscuras".

A ignorância dos brasileiros, testemunhada pelas trevas que os envolvem, mesmo que pressagiem a conversão futura, traduz-se também no plano da civilização material. A alta ciência da cosmografia, por exemplo, é-lhes desconhecida e sua navegação reduz-se a uma cabotagem que não perde de vista as costas. O modelo serve para descrever o saber rudimentar dos marinheiros do mar Cáspio, povo que "sabe observar apenas o seu roteiro de pequena escala"(20). Desprovidos de bússolas e cartas marítimas, içando nos mastros rabos de raposa para conhecer a direção do vento, os "cáspios" só perdem em rudeza para os habitantes daquilo que Thevet chama, não sem orgulho, de "minba França Antártica"(21). Rudimentares, embora por isso mesmo frugais, os bárbaros do Brasil observam regras de uma dietética rigorosa, e escandalizam-se com carnes de porco salgado ingeridas sem precaução pelos colonos franceses, seus amigos, que lhes abreviam a vida. Nisto, aproximam-se dos preceitos, impregnados, é verdade, de superstição maometana, dos árabes do Levante(22).

Vê-se então de que forma, alternativamente, homens da natureza ou, ao contrário, distanciados dela, os "coitados" da Antártica definem o paradigma contraditório da humanidade não-cristã. Ao inverso do que já se entrevê na *História de uma Viagem* de Léry ou no ensaio *Dos Canibais*, de Montaigne — uma espécie de alegorização do Selvagem encarregado de encarnar, por exemplo, o reino da Natureza, a Igualdade primitiva ou a Liberdade ociosa da Idade de Ouro ovidiana —, a "América" de Thevet não preenche o espaço de nenhum conceito. Ele não é mais do que a soma de traços particulares e circunstanciais, o que vale dizer que ele condensa nele próprio um catálogo de "singularidades" irredutíveis e contraditórias. Cruel e devasso, virtuoso e hospitaleiro, homem de honra e "grão ladrão", os qualificativos aplicados a ele, alternadamente ou simultaneamente, aparecem regulados por um código sempre móvel e que se molda, de detalhe em detalhe, sobre a particularidade cada vez posta em relevo.

A alimentação, as crenças, a arte da guerra ou a medicina definem maneiras diversas de apreender o Selvagem e de julgá-lo segundo apreciações contraditórias. Ora ele se acerca do modelo positivo esboçado por Montaigne: ignorando a medicina e a física, os brasileiros praticam os preceitos melhor que "Aristóteles, Averróis ou Avicena", pois "Natureza ensinava-lhes e ensina todos os dias o que é bom e o que é nocivo"(23). Ora ele demonstra, ao contrário, uma estupidez espantosa, de tal modo que

"a primeira vez que viram abordar e flutuar os navios nas proximidades do vasto mar que os cerca (...) julgaram e acreditaram, por jamais terem visto, nem tampouco seus pais também, tais pesadas e grandes naus, que fossem ilhotas e assim flutuassem naquele mar"(24).

É por todas as circunstâncias diversas que fazem o índio do Brasil que se interessa Thevet, e não por aquele universal singular que vai mais tarde constituir o Homem da Natureza. Com toda evidência, o Selvagem polimorfo, o mosaico do franciscano cosmógrafo, situa-se nos antípodas do Bom Selvagem dos filósofos, pávida abstração não preenchida por nenhum conteúdo etnográfico concreto(25).

É sabido que as modernas ciências do homem vão dar origem à recusa das sin-



gularidades, concebidas como exteriores à razão, tanto quanto à natureza. O programa da Sociedade dos Observadores do Homem, tal como foi fixado por Gérande em 1796, condena do modo mais explícito a "curiosidade" insaciável e desordenada dos antigos viajantes, excessivamente presos ao acessório e ao exótico, e incapazes de atingir a generalidade. É então que, em lugar das velhas rapsódias cheias de bricabraque dos gabinetes de curiosidade, impõe-se o modelo, quão mais intolerante e redutor por sua própria pretensão ao universalismo, de uma antropologia fundamentalmente etnocêntrica(26).

A ausência patente da Razão unificadora empresta todo o valor à empreitada de Thevet, isto, poder-se-ia dizer, até em seus defeitos mais tangíveis. A miscelânea da investigação é produzida tal qual; nenhum achado é subtraído da atenção do leitor benévolo, tampouco o comentário menos meditado e mais anódino. As mais violentas condenações – estes "brutais", estes "bestiais" selvagens –, que se encontram a cada página, são quase sempre neutralizadas na linha seguinte por elogios simétricos e, parece, igualmente sinceros e desenvoltos. Thevet não está isento, evidentemente, dos preconceitos políticos, religiosos ou mesmo racistas de seus contemporâneos (pois o racismo, apesar do que se diz às vezes, não é um fenômeno alheio ao século dos Grandes Descobrimentos), mas, como ele não teria absolutamente no corpus de informações que possui, ter-se-ia muita dificuldade em descobrir nele essas censuras ou esses silêncios que afloram, a propósito da religião, por exemplo, no ensaio de Montaigne ou na *História* de Léry.

Paradoxalmente, a fragmentação do índio em acidentes diversos é que pode constituir-lo como termo de comparação universal. A "América" do Brasil austral está presente em toda parte, da Lituânia à Arábia deserta, do Egito à Islândia e do mar Cáspio à Picardia. Espalhado pelos quatro continentes no pó de estilhaços de um espelho quebrado, o Selvagem brasileiro torna-se capaz de refletir, e por isso mesmo iluminar, as mais desconcertantes e esparsas realidades. Longe de reduzir a inesgotável pluralidade do universo à empobrecedora unidade, ele conjuga em sua pessoa feita de contrastes o espírito de geometria inerente ao raciocínio cosmográfico e à variedade admirável e ao mesmo tempo decepcionante das coleções de *rariora*. Ubíquo e diverso, onipresente e inapreensível, é uma das chaves da cosmografia segundo Thevet.

Neste sentido, a revolução cosmográfica operada pelo natural de Angoulême – assim como se fala em revolução Copernicana, embora o cosmógrafo se atenha, bem entendido, ao esquema geocêntrico de Ptolomeu – seria a de privilegiar uma margem, o Brasil, em relação a um centro tradicional, a Europa ou o seu oposto milenar, o Oriente-Próximo mediterrâneo. Uma vez que o seu sistema descritivo tem por dupla característica ordenar-se sobre a armadura geométrica do mapa e referir-se sempre, em última análise, à sacrossanta autópsia, era-lhe preciso eleger esses dois pólos situados aproximadamente nos antípodas do outro: o Levante da peregrinação dos anos 1549-52, e o Extremo-Occidente austral da viagem à Guanabara no inverno de 1556. Mas o Oriente de ruínas e clichês que Thevet herda de uma tradição plurissecular, e onde ele só pode inovar sob o modo um pouco maçante da denegação, é em breve suplantado pelo brilho novo de um Brasil inaudito, cuja amplidão não cessa de se afirmar no decorrer das obras sucessivas. Por culpa de um Levante arcaico, cuja descrição redundante, cada vez mais apartada das fontes vivas da peregrinação, e alimentada pelas compilações facilmente identificáveis, de Paul Jove a Sansovino(27), o tropismo brasileiro domina pouco a pouco a extensão do mapa-múndi thevetiano.

Disperso sobre o orbe terrestre todo, o Brasil o é também na língua de seus aborígenes. Não se encontram em Thevet – pelo menos antes do *Grande Insular* inacabado – nem dicionários exóticos, nem "colóquios" bilíngües como em Cartier ou Léry(28), mas frases erráticas empregadas de maneira próxima à situação de origem ou vocábulos estranhos extraviados em contextos imprevisíveis. A palavra *margajat*, que designa um menino travesso, vai passar para o uso corrente na época clássica, a partir de Thevet, sem dúvida, ou de algum de seus imitadores(29). Mas o cosmógrafo emprega também o apelido *Gentil Morubixaba* para falar de Lutero, que teria "proibido a todos os seus discípulos e adeptos, sob pena de serem expulsos de sua Igreja, de entrar em conflito com os ministros católicos" (30). Ora o termo *morubixaba* qualifica, na sociedade tupinambá, os anciãos sábios que, reunidos em conselho na "casa comprida", deliberam sobre a guerra a ser iniciada. Numa passagem da *Cosmografia Universal*, Thevet não hesita em compará-los àqueles "Se-



nhores conselheiros do Senado de Veneza, tal a gravidade e modéstia que eles mostram em seus conselhos" (31). Em outro lugar, ele apresenta um *morubixaba açu* ou "grão Rei", pavoneando-se, "inteiramente nu", com a maça ao ombro, diante de Villegagnon e sua comitiva, mal desembarcaram do navio(32). É cômico evidentemente imaginar Lutero como chefe canibal e nudista, presidindo do alto de sua rede as discussões dos adeptos. Porém não é certo que o leitor desprevenido tivesse saboreado o sal da situação, uma vez que a palavra obscura e bárbara era explicada somente mil e seiscentas páginas adiante.

Ainda mais inesperada e quase incompreensível é a conclusão, na coletânea dos *Homens Ilustres*, do capítulo consagrado a Robert Gaguin, autor do *Compendium de Francorum Gestis* (33). Juntando ao elogio deste representante do primeiro humanismo os de Rodolfo Agricola, do "Doutor Jasão Maynus de Milão, reformador do Direito" (34) e do "satírico" Jean Lemaire de Belges, Thevet introduz a respeito deste último uma "alusão" onomástica aparentemente das mais incongruentes. O escritor da *Lenda dos Venezianos*, "prodigiosamente picante" nas "agudezas" de sua pena afiada, seria, a julgar pelo autor da prosopografia, um historiador ímpar em sua obra-prima, as *Ilustrações da Gália e Singularidades de Tróia*:

"E embora alguns tenham pretendido murmurar, se se considerar atentamente as palavras deste Mair, encontrar-se-ão bem poucas maravilhas ocorridas na Cristandade, até o seu tempo, que ele não tenha tocado" (35).

A anominação *Lemaire-ce Mair* chega às raias do absurdo para quem ignora que um *Mair* (ou *Mairê*) é o nome genérico dos heróis civilizadores na cosmogonia tupinambá(36). O próprio Thevet dá a este nome o sentido primeiro de "transformador", isto é, mágico, e ele consagra nada menos do que três capítulos da *Cosmografia Universal* para narrar detalhadamente os avatares míticos de Maire-Monan, Maire-Pochy e Maire-Ata(37).

Quando se sabe que Jean Lemaire, ao manter a indistinção original entre mito e história, tenta realçar esta através daquele, não se pode deixar de admirar a justeza relativa da alusão proposta por Thevet. Revelando, pelo intermédio do Pseudo-Bérose d'Annius de Viterbo, as origens fabulosas das duas monarquias irmãs, alemã e francesa, desde o Dilúvio e o saque de Tróia, Jean Lemaire é comparável, num sentido, aos caraimas (*karait*) ou profetas brasileiros. Ao reunir em suas pessoas as qualidades de xamãs e semi-deuses, eles figuram aos olhos dos índios reencarnações dos *Maires* primitivos e sobretudo do principal deles, Maire-Monan, o autor de infinitas metamorfoses sobre si mesmo ou sobre os mais diversos objetos(38). A sua "teologia", que Thevet especifica "estar guardada, não por escrito, mas na simples memória de cada um" (39), também narrava, além das "transformações" mencionadas, mitos de origem, não de uma dinastia real — obviamente —, mas invenções tais como a cultura do milho e dos tubérculos ou o uso do fogo.

A bricolagem histórico-mítica de Jean Lemaire relaciona ainda o requinte das cortes da Borgonha e da França com o "pensamento selvagem" dos tupinambás, tal como foi descrito minuciosamente por André Thevet, e ornamentado com incisos irônicos. Aproveitando-se de tudo, ajustando as mais díspares tradições num mesmo corpo de doutrina, o poeta de Margarida d'Áustria e de Ana de Bretanha reuniu, em torno do projeto de uma concórdia política e cultural da Europa cristã, os materiais de uma história das origens comuns. Ora, esta é a empreitada expandida pelas *Singularidades* de 1557, ao ornar a lição dos *Mairs*.

## POLIDORO VERGÍLIO E O PENSAMENTO SELVAGEM

Os tradutores de André Thevet prestaram-lhe um grande serviço. Em dois casos, ao menos, descobriram as suas intenções mais oblíquas e discerniram as fontes menos aparentes. Assim o alemão Gregor Horst desvendara o parentesco, e até a dependência existente entre certos capítulos da *Cosmografia do Levante* e as *Lições Antigas* de Coelius Rhodiginus(40). Da mesma maneira, o inglês Thomas Hacket descobriu que o modo de investigação empregado por Thevet para tentar explicar as sociedades indígenas do Brasil e sua cultura primitiva era próximo do raciocínio utilizado por Polidoro Vergílio, historiador da Inglaterra e cidadão emérito do reino, em seu tratado *Dos Inventores das Coisas* (41).

Na epístola dedicatória de *The New Found World, or Antarctike*, dirigida em 1568



a Sir Henry Sidney, o tradutor desdobra longamente a lista dos inventores das artes e das ciências sem as quais a humanidade se encontraria nua, seria bárbara e brutal, e até escrava. São passados em revista a instituição progressiva do calendário, desde os antigos egípcios até Júlio César, via Numa e Romulus, a imposição das leis civis por Ísis, o ensino da agricultura por Ceres, o início da navegação incentivado por Minos, por Netuno ou seu pai Saturno, ou ainda pelo rei Erichthas, todos eles monarcas pagãos, aos quais seria conveniente preferir Noé, o patriarca da *Bíblia* (42).

Este resumo de Polidoro Vergílio, cujo nome, aliás, é mencionado a propósito da invenção do calendário, que recorre sistematicamente a um modo de explicação evemerista, termina por um elogio da navegação e um convite expresso à instalação de colônias além-mar. Lamentando as delícias de Cápua onde se enterram os seus contemporâneos, " *almoste abhorring to beare the name of travel or payne*", Thomas Hacket exorta-os a seguir o exemplo de Alexandre, leitor fervoroso de Homero e das façanhas de Aquiles, a crer em Plutarco. Ao entregar o livro deste honorável viajante " *Andrewe Thevet*" (43) ao público inglês, Hacket oferece-lhe ao mesmo tempo a oportunidade de executar aquela elevada empresa.

Em umas poucas páginas, o tradutor e editor circunscreveu o desígnio literário e político de seu modelo, e soube adaptá-lo à realidade da Inglaterra do seu tempo. De fato, a despeito de sua discrição neste ponto, as *Singularidades* prendem-se à ação colonizadora de Villegagnon e constituem uma espécie de prospecto particularmente atraente. O programa de conquista esboçado em filigrana pela obra adapta-se doravante aos intentos ingleses para o Novo Mundo. De mais a mais, ao resumir Polidoro Vergílio no limiar de uma descrição que procede da mesma filosofia das origens, Hacket distinguiu claramente a cartada ideológica das *Singularidades*. Da mesma forma que Gregor Horst, na verdade, ele não fez obra de filólogo ou de historiador da literatura. O que ele vislumbra, de Polidoro Vergílio a Thevet, não é a filiação linear e unívoca, mas uma comunhão de preocupações, um raciocínio análogo que recorre à comparação das tradições culturais entre os povos diversos para tentar extrair um modelo geral e assentar sobre ele a superioridade da Europa cristã.

O comparativismo proposto pelas *Singularidades* é o fruto do trabalho obscuro de Mathurin Héret, bacharel em Medicina e helenista conhecido por suas traduções de Alexandre de Afrodiso e Dares da Frígia(44). À publicação do livro, em dezembro de 1557, Héret intentara um processo para reconhecimento de paternidade. Ele obteve que lhe fosse creditada a totalidade dos direitos, mas não a assinatura da obra, que permanecia com Thevet. Coube sem dúvida a Héret a tarefa de recheiar de referências aos autores gregos e latinos a reportagem sobre o Brasil. Vem daí a construção em paralelo de tantos capítulos do livro: depois de uma exposição etnográfica precisa vêm os exemplos tirados da Antigüidade, pela mediação cômoda de Plínio, por vezes alegado, ou de Polidoro Vergílio, sempre omitido. Trata-se de evocar a boa memória dos índios, que jamais esquecem o nome dos seus convidados franceses depois de os terem ouvido? Uma lista dos campeões da arte mnemotécnica — "Ciro, rei dos persas, Cinéas, legado do rei Pirro, Mitridates, César" — é imediatamente produzida, colhida no livro II do tratado *Dos Inventores das Coisas* (45), para formar o fecho do capítulo. Outro exemplo: a tonsura quase monástica dos índios, justificada por uma preocupação de ordem militar (os cabelos seriam presa fácil do adversário no corpo a corpo), apela, à guisa de explicação, ao precedente de Teseu quando consagrou os seus cabelos aos deuses de Delfos, e àquele mais adequado de Alexandre, que obrigou a falange macedônia a raspá-los para que não se deixassem agarrar(46). A fonte, doravante, é o opúsculo de Polidoro Vergílio que dispensou Thevet ou seu secretário de recorrer às *Vidas* de Plutarco(47).

Da mesma maneira, o capítulo consagrado aos *Pagés e Caratbas*, respectivamente os curandeiros e os profetas dos tupinambás, conclui-se por uma investigação da magia, que relaciona novamente o corpus brasileiro à temática recorrente das origens das artes e ciências(48). A observação é ainda válida para as "visões, sonhos e ilusões" dos infelizes "américas", inteiramente entregues ao império de Satã: as perseguições noturnas infligidas pelo "espírito mau" e os sonhos premonitórios que os visitam na manhã de um combate são comparáveis às "duas espécies de adivinhação" distinguidas por Polidoro Vergílio(49). Sucessivamente, a guerra primitiva que opõe guerreiros nus e hercúleos armados de maças(50), as leis do casamento(51), o nascimento do comércio(52), a invenção da serra(53), as primeiras habitações e a origem da arquitetura(54) e o modo de subsistência da antiga huma-



nidade(55) são ilustrados pelo exemplo dos brasileiros.

A referência a Polidoro Vergílio, onipresente na seqüência brasileira, assegura a transição entre a bricolagem pós-humanista da *Cosmografia do Levantæ* a novidade indizível e sem profundidade histórica da *França Antártica*. Em quase todos os capítulos que formam o cerne das *Singularidades* obtém-se então uma seqüência binária que associa a um motivo de ordem etnográfica uma "lição antiga". O movimento se repete, operando incansavelmente esta redução do desconhecido ao conhecido. Da estranheza primeira, vista e relatada, retorna-se à familiaridade de um texto lido e muitas vezes comentado. A conclusão substitui, então, ao Brasil dos Canibais a Tróia homérica, a Cítia de Heródoto ou a Idade de Ouro de Ovídio ou Virgílio. A empreitada de Thevet-Héret apenas sistematiza uma tendência observável desde as primeiras relações sobre o Novo Mundo.

Desde as *Décadas* de Pedro Mártir de Anghiera, a descoberta das "Índias novas" completa o renascimento das letras ao agir paradoxalmente no mesmo sentido. O longínquo no tempo e o longínquo no espaço definem um território comum onde a cultura clássica se encontra em casa.

Mais exatamente, o paralelo com os costumes da Antigüidade e suas tradições evemeristas confere à sociedade dos Canibais a dignidade de um objeto de ciência. As referências eruditas, na maior parte das vezes recebidas de segunda mão, são destinadas sem dúvida a colocar no mesmo pé o homem da Europa e o americano nu e antropófago. Mas, sobretudo, elas autorizam este último a penetrar no campo das "histórias". Através de um duplo processo de heroificação e de moralização, ver-se-á os "mais cruéis do universo" autorizados a competir com os homens ilustres de Plutarco: Teseu, Licurgo, Sólon e César(56). A tarefa de integração das "glórias" americanas no corpus tradicional dos grandes homens vai culminar nos *Retratos Verdaderos*: Cunhambebe, Parausti, Saturiona, Paracussi rei do Prata e Nacol-Absu, pequenos príncipes da América, têm o mesmo formato das figuras de Alexandre, César ou Francisco I (57).

O enxerto da Antigüidade no Novo Mundo, aos cuidados de Héret, engendra uma segunda relação em sentido inverso. Se a América é justificada pela referência aos Antigos, o Brasil, em troca, explica à Europa as suas próprias origens. É nisto que o tratado de etnografia americana representa simultaneamente um manual de arqueologia européia. Os nossos primeiros pais andavam nus, combatiam com unhas e dentadas, a ponto de devorarem o adversário em caso de vitória, ignoravam a arte da forja e as regras do casamento. As suas casas eram de ramos trançados, a menos que preferissem o abrigo das cavernas. Todas estas proposições encontram-se em Polidoro Vergílio. Ao passar em revista os mitos civilizadores do Ocidente, o humanista de Urbino propõe para cada "invenção" (a linguagem, a religião, o calendário, a arte da guerra, a agricultura, a arquitetura, a navegação, o comércio e a "putaria", etc.) o nome de um ou mais heróis, semi-deuses ou profetas. Ora, esta mitologia compósita vai ao encontro dos mitos fundadores da religião tupinambá relatados por Thevet. O parentesco é evidente: aqui e lá, a história da humanidade reduz-se à dos grandes iniciadores. Desde então, uma baldeação de um continente a outro torna-se possível: Noé ou Dédalo tomam o lugar de Maire-Monan e Maire-Pochy, figuras usurpadoras e necessariamente fictícias.

Esta leitura brutalmente redutora prolonga, de fato, aquela que, definida antecipadamente por Polidoro Vergílio, denunciava as mentiras e as imposturas do paganismo antigo para exaltar, por tabela, o privilégio solitário reservado à revelação cristã. Para Plínio, por exemplo, o catálogo dos inventores, no livro VII da *História Natural*, tinha por função efetuar uma distribuição geográfica dos méritos segundo os diferentes povos da bacia mediterrânea que todos, por algum motivo, honravam-se contribuindo para a felicidade comum. Aos fenícios cabia a honra da navegação pelos astros, aos egípcios, a invenção do alfabeto e da tecelagem e aos frígios, a da carroça de quatro rodas. O cretense Dédalo descobrira a arte da "carpintaria", o fenício Cadmo, a extração e a fundição do ouro, o tebano Tirésias, a adivinhação pelo vôo e a voz dos pássaros(58).

Com Polidoro Vergílio, ao contrário, tributário aqui do *Contra Apto* de Flávio Josefo, uma das fontes principais de sua compilação(59), a verdade última da *Bíblia* e do povo eleito remete para o nada da fábula as pretensões concorrentes das outras nações. Caim inventa a lavoura muito antes do nascimento de Ceres, deusa rebaixada à condição de simples mortal. Noé suplanta Baco, Moisés não espera Hércules para inovar na arte da guerra. A voz dos Patriarcas e dos Juizes abafa, daí em diante,



o concerto, em última análise harmonioso, das diferentes reivindicações nacionais. Longe de efetuar uma síntese entre cristianismo e paganismo, o tratado *Dos Inventores* subordina a diversidade complementar das tradições pagãs à unidade de uma verdade totalitária. Polidoro Vergílio não reconheceria no cristianismo a mais bela das "invenções", cuja iniciativa, afinal, como a da Criação, não coube senão a Deus?

Sabe-se que Polidoro, aos três primeiros livros publicados desde 1499, acrescentou, vinte e dois anos mais tarde, cinco totalmente consagrados às origens e às instituições da Igreja. Como observou Denys Hay(60), isto não significava modificar na essência o projeto inicial. Logo de saída, o humanista de Urbino continuava, pela via aberta por Josefo em prol da cultura judaica, retomada desta vez em benefício do povo cristão, uma empreitada apologética fundada sobre a comparação mitográfica.

Em sua imitação, Thevet mostra-se fiel ao espírito do tratado *Dos Inventores*. Sente necessidade de lembrar as idades da humanidade primitiva? Ele refuta em nome do *Gênese* a fábula dos poetas Virgílio, "na primeira de suas *Geórgicas*", e Ovídio, que supuseram "viver os homens universalmente em toda a terra junto das brutas feras" (61). O Éden não é a Idade de Ouro, o trabalho do Adão jardineiro afasta a humanidade, desde o início, da preguiça a que se entrega o animal(62). Ao evocar depois a "lavoura de Abel", por confusão com seu irmão Caim, e com a finalidade sem dúvida de glorificar a nobre ocupação da agricultura(63), Thevet acaba arruinando as ficções do paganismo em proveito do labor original: os selvagens do Brasil, que cultivam mandioca e milho, ligam-se, a despeito de sua ignorância e rudeza, à humanidade trabalhadora e prometida à salvação. A lição de Polidoro Vergílio milita em favor do monogenismo, estabelecendo ao mesmo tempo uma hierarquia dos saberes e das culturas.

A frente comum conjunturalmente formada entre as sagradas Escrituras e a realidade índia quebra-se tão logo se trate das crenças religiosas. O privilégio solitário que detém a tradição judaico-cristã face à mitologia pagã reaparece diante das "fábulas" dos ameríndios tocantes às suas origens. As *Singularidades* comprazem-se em sublinhar então o contraste: a "brutalidade cega" dos pobres "américas" manifesta-se, por exemplo, na confiança que depositam em seus xamãs e vãs "feitiçarias" (64). Esta contra-prova eloqüente é oferecida aos olhos do cristão para convidá-lo a seguir o caminho espinhoso e íngreme da Graça. Da mesma maneira, no capítulo das visões e perseguições do espírito mau, o autor, para concluir, chama o leitor a se voltar para a *Bíblia* e confundir na mesma reprovação a idolatria dos "antigos gentios" e o respeito que os selvagens consagram a seus "Pajés ou *Carábas*, vale dizer, seus semi-deuses" (65).

Não há muito a considerar da mitologia americana das origens, salvo aquilo que se concilia com a Revelação, a saber, a crença num dilúvio universal de água e fogo, afirmada amplamente em toda a área brasileira e amazônica(66). No tocante aos mitos dos inventores, deixar-se-ão aos índios, quando muito, aqueles que se relacionam com produtos exóticos. Dessa maneira, melhor é apelar para a sua "tradição" a fim de que se conheça a invenção da cultura da mandioca, pobre *Ersatz* do pão que lhes falta, e esta é a parte essencial que cabe a Maire-Monan, o herói civilizador dos tupis(67). Quanto ao mais, será necessário recorrer ao ensinamento das Escrituras.

A arqueologia da Europa pela mediação da América é então destinada a valorizar menos um progresso contínuo de uma a outra, do que uma ruptura fundamental entre duas idades em tudo separadas: antes e depois da Revelação. Os tupis não tiveram acesso, até o presente, à era da Graça. Sua separação da verdade exprime-se de maneira muito concreta pela miséria e barbárie manifestas. A nudez e o canibalismo são os sinais tangíveis, mas também o desconhecimento de técnicas elementares tais como a lavoura com arado, a fundição do ferro e a forja dos metais, a arte eqüestre e as armas de fogo.

Em suma, o Selvagem servirá para realçar o cristão da Europa, rico no que concerne a ele mesmo, e, por menos que respeite os mandamentos, no que concerne à sua eleição divina e certeza de uma redenção futura. Contra-exemplo radical entregue à meditação do homem que vive submisso a Deus, como mais tarde quererá Jean de Léry(68), o índio, útil pela própria distância que ele representa, pouco a pouco aparecerá como a figura condensada da criatura que vive submissa à carne, tomando então um valor emblemático no seio do discurso moral e teológico que o envolve. Contrariado pela visão heróica da história herdada de Plutarco e cedendo, por outro lado, ao fascínio da pulverização do diverso, este discurso, em Thevet, não



atinge a coerência e permanece em estado de esboço plausível e não exclusivo.

A bricolagem efetuada por Héret permanece visível: ela transparece no esquematismo de duas estruturas sumariamente embutidas que correm paralelamente de capítulo em capítulo. Sem dúvida, Polidoro Vergílio tem a última palavra, sempre mobilizada no instante final, para rematar uma questão. O seu aparelho genealógico suplanta a tosca mitologia dos tupinambás, mas a integra parcialmente. Cada vez menos controladas à medida que se amplifica a obra brasileira de Thevet, passando pelas etapas ulteriores da *Cosmografia Universal* da *História de Duas Viagens*, as belas "fábulas" dos tupinambás não tardarão muito a quebrar a construção precária reunida pelo escriba de 1557. A partir de 1575, com a série polifônica dos mitos que narram a criação do mundo, as metamorfoses e a morte de Maire-Monan, o herói cultural, o dilúvio universal e as diferentes idades da humanidade, Thevet compõe verdadeiras *Mitológicas*. Não contente, por exemplo, de referir à narrativa do dilúvio e dos dois irmãos, a ela justapõe duas variantes distintas(69).

Sem dúvida, é preciso ver aí a preocupação em aproveitar a menor sobra, e neste sentido o cosmógrafo mostra que assimilou o método da perfeita bricolagem, mas é possível também supor neste esquema iterativo a obscura presciência do princípio de que o mito se define pelo "conjunto de suas variantes"(70). O livro *Dos Inventores* progressivamente se apaga em face destas redundâncias orais de uma cosmogonia indígena em que, vez por outra, um esboço de comparação se insinua. As transformações de Maire-Monan lembram a Thevet os encantamentos de Circe(71), e os herdeiros de Maire-Ata, que devem passar por uma série de provas que demonstram a origem de seu sangue, são relacionados com os cavaleiros que "foram destinados à conquista do Santo Graal na Grã-Bretanha"(72). A comparação, de moldura estruturante, fica reduzida a um motivo ornamental que preenche o breve espaço dos incisos, marcando as pausas subjetivas na longa litania dos avatares dos heróis civilizadores.

Por sua desordenada precisão e fidelidade ao objeto, a obra brasileira de Thevet testemunha uma espantosa e paradoxal modernidade. Compreende-se então que a hierarquia excessivamente rígida à qual tendia o comparativismo unívoco de Polidoro Vergílio tenha sido inadequada a esta proliferação do material mítico. Recipiente impróprio, incapaz de regular a complexidade dos dados etnográficos, a mitografia vergiliana tornava-se inaceitável para um cosmógrafo entregue a si mesmo, uma vez consumado o divórcio com o verniz de humanidades clássicas dos escribas, os Mathurin Héret e demais François de Belleforest.

Mas há mais: se se referir uma última vez às *Singularidades*, obra de transição entre a compilação escolar da *Cosmografia do Levante* e as amplas mitologias do livro XXI da *Cosmografia Universal*, descobre-se que o tratado *Dos Inventores* representa em Thevet um papel mais ambíguo do que se diz. Ocorre que a meio-caminho entre recipiente e conteúdo, Polidoro Vergílio mantém uma relação com o "pensamento selvagem" do tipo "rizomático", se se quiser retomar aqui a categoria proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari(73). Com exceção dos capítulos sobre a religião, em que a relação hierárquica de inclusão e exclusão é claramente indicada, o privilégio destinado à cultura ocidental e cristã nem sempre aparece com grande nitidez, tanto é poderosa a atração que exerce a novidade sobre o peregrino dos dois mundos. Tece-se então uma ligação lateral, por imbricação recíproca, entre a tradição humanista e a "tradiciva" indígena, transmitida de boca em boca.

Através de uma perversão que, sem dúvida, não previra ou medira Héret, a mitologia indígena contamina com os seus efeitos o discurso do "singularizador". Observou-se acima que, no capítulo consagrado à agricultura, a "lavoura de Abel", fruto de uma leitura distraída da *Bíblia*, viu-se confirmada pela cultura da mandioca e das favas entre os tupinambás. O mito de origem dos índios vem reforçar a autoridade das Escrituras em detrimento das ficções dos poetas gregos e latinos(74). O mito da origem do fogo, que se liga à "opinião dos selvagens a respeito de um dilúvio"(75), acarreta agora uma outra espécie de confirmação. Diodoro, cuja opinião é transmitida a Thevet por Polidoro Vergílio, atribuía a Vulcano a invenção do fogo. Era afirmar que a humanidade nem sempre fora detentora deste precioso instrumento de cultura. Ora, os índios não pensavam de outra forma,

"os quais, antes da invenção do fogo, comiam carnes secas à fumaça"(76).

A passagem valerá a Thevet zombarias acerbas de Jean de Léry, que invoca "aque-

la máxima da Física transformada em provérbio" segundo a qual não há "fogo sem fumaça" ou, reciprocamente, fumaça sem fogo(77). Mas o pensamento selvagem, ao que parece, tão familiar ao cosmógrafo quanto aos índios, opõe um desmentido cabal à razão pensante de Léry e ao auxílio que ele pretende obter dos provérbios usuais. Com efeito, a oposição de fogo e fumaça é menos absurda do que parece à primeira vista. A antropologia cultural de Claude Lévi-Strauss habituou-nos a distinguir as "categorias empíricas" do cru e do cozido, do defumado e do assado, que servem de instrumentos conceptuais ao pensamento selvagem. Neste caso, a carne seca à fumaça – ou então ao sol, nas variantes Gê sobre a origem do fogo(78) – aparece numa relação de contradição com a carne cozida ao fogo de lenha: aí está toda a distância que separa a natureza da cultura e que a intervenção do grande Caraíba Maire-Monan permitiu superar. A julgar por Thevet, muito sensível às inflexões do pensamento tupi, este conhecimento teria sido comunicado aos índios durante o sono, "algum tempo depois de um dilúvio, que eles afirmam ter ocorrido outrora" (79).

De um lado e outro desta noite da revelação, duas etapas da história separam-se definitivamente, da mesma forma como a humanidade apta à arte culinária vira as costas ao animal condenado a devorar alimentos crus. A transformação do alimento pelo fogo afasta de uma vez por todas a nação índia de suas origens cegas. A simples fumaça, ao contrário, traçava em relação à animalidade apenas uma fronteira indecisa e precária, que o domínio do fogo de cozinha reconstitui em toda a sua nitidez. Situado além dessa ruptura fundadora, o canibalismo tupinambá, iluminado pelo clarão das fogueiras, jamais parecerá tão escandaloso ao observador europeu quanto poderia ser a omofagia dos míticos Antropófagos da Antigüidade ou a dos não menos lendários "Canibais" do Nordeste brasileiro, nos quais Thevet reconhece, sem hesitar, "leões arrebatadores" (80). O crivo instaurado pelo mito é então conduzido para a descrição, e a relativa indulgência do singularizador pelos banquetes sanguinários, interpretados espontaneamente como ritos de vingança, explica-se muito bem pela transferência dos instrumentos mentais dos índios ao universo de referência do europeu. É verdade que uma distância diferencial menor do que a atual entre as duas culturas contíguas facilitou a osmose ou a propagação subterrânea e "rizomática" (81).

Em última análise, não se pode dizer se Thevet, numa passagem como esta, adaptou a realidade índia à Polidoro Vergílio ou Polidoro Vergílio à imperiosa lógica mítica dos ameríndios. Quando, depois das *Singularidades*, obra contemporânea da empreitada colonial, que deixava vislumbrar perspectivas missionárias, ficar menos nítido o caráter didático, e até apologético, presente na relação thevetiana, o pensamento selvagem dos tupinambás não estará mais cerceado pelos fins de capítulo sentenciosos, que reduzem infalivelmente a alteridade cultural à identidade universal da verdade cristã. Então a bricolagem mítica dos brasileiros poderá reunir-se à do cosmógrafo, também ele "colado às imagens" (82), para constituir a partir das unidades concretas que são as "singularidades" uma ciência a meia-distância entre o percebido e o conceito.

## NOTAS

1 Thevet, *Hl*, II, VIII, cap. 149 e 145 respectivamente.

2 BN, Ms. fr. 15454. Ver S. Lussagnet, *Le Brésil et les Brésiliens par André Thevet*, Paris, PUF, 1953, pp. 237-310.

3 BN, Ms. fr. 15452, mapas nº 92 a 95 e 98 a 101. Na ordem: "Isles de Maquehay" (Macaé), f. 225 vo., mq.; "Isle des Margajns" (Ilha do Governador, na baía do Rio), f. 228 vo.; "L'Isle Henrii" (Ilha de Villegaignon, na baía do Rio), f. 232 vo.; "Gouffre de la rivière de Guanabara ou Janeiro" (baía do Rio de Janeiro), f. 245 ro.; "L'Isle de Thevet", f. 259 bis; "Isles honestes", f. 262 vo., mq.; "Isles de la Baye des Roys" (Angra dos Reis), f. 264, vo., mq.; "Isle de S. Sebastien" (Ilha de São Sebastião), f. 265, vo., mq.

4 Thevet, *Cosmografia Universal* (1575), t. I, f. 116 r., e II, f. 941 ro.

5 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, II, cap. 16, f. 64 vo. Passagem recopiada por Louis Guyon de la Nauche, *Les Diverses Leçons* (Lyon, Claude Morillon, 1604; reed. em 1610), livro IV, cap. 28, p. 748.

6 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, V, cap. 1, f. 121 ro.

7 Thevet, *SFA*, cap. 66, f. 131 ro.

8 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XXI, cap. 3, f. 911 vo. (2ª paginação). Cf S. Lussagnet, op. cit., p. 29.

9 Para este provérbio, ver Guy Turbet-Delof, *L'Afrique Barbaresque dans la Littérature Française aux XVIIe. et XVIIIe. siècles*.



- Genebra, Droz, 1973, p. 42. Sobre o antagonismo Turco e Mouru, ver também a minha comunicação "Guillaume Postel et l'Obsession Turque", in *Actes do colóquio Guillaume Postel (1581-1981)*, Paris, Guy Trédaniel, 1985, p. 265 sq. e especialmente pp. 270-1 e 281-2: "Bom Turco e Mouru Cruel"
- 10 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, VI, 1, f. 151 vo.
- 11 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, VI, 5, f. 163 ro.-vo.
- 12 Melusina: SFA, cap. 81, f. 160 ro.; "o Profeta inglês Merlim": *Cosmografia Universal*, II, XXI, cap. 6, f. 919 ro. (S. Lussagnet, p. 67); "a conquista do Santo Graal na Grã-Bretanha": *Cosmografia Universal*, II, XXI, 6, f. 920 ro. (S. Lussagnet, p. 71).
- 13 Cf. o título do capítulo IV do livro XXI: "Do Cabo Frio e a Leviana Crença dos Selvagens da Mencionada Região".
- 14 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XIX, 10, f. 851 ro.: "Porque uns adoravam o Fogo, outros as Florestas, outros as Serpentes, outros o Sol e um Martelo de tamanho e grossura monstruosa. E como perguntaram-lhes por que prestavam tal homenagem ao Martelo, eles responderam que outrora o Sol esteve muito tempo sem lhes mostrar sua claridade: mas finalmente como ele surgiu, o Rei do país tomou-o e aprisionou o numa torre enorme: mas os Signos do Zodíaco ao virem em socorro do prisioneiro, quebraram a torre com o dito Martelo, e libertaram o Sol: E para esta boa ação, eles honraram o Martelo, que tanto fizera pelos homens ao lhes devolver a claridade do Sol".
- 15 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XVI, 11, f. 674 ro.: "Além disso, no tempo em que o mar está congelado, algumas vezes o gelo se quebra, fazendo um barulho como se fosse uma voz humana: isto é causa de que o pobre povo simples e grosseiro daquela região creia e estime que são as almas dos falecidos, que ali estão sendo atormentadas e ali passam o tempo de sua penitência, de tal modo a idéia do Purgatório está gravada no espírito da nação.  
— Segundo Olaus Magnus, *História de gentibus septentrionalibus, earumque diversis statibus, conditionibus, moribus, ritibus, superstitionibus, disciplinis, exercitiis, regimine, victu, bellis, structuris (...) et rebus mirabilibus*, (Rome), 1555, *liber secundus, caput III: "De apparentibus umbris submersorum: "Ibique (= in Islandia) locus esse creditur poenae, expiationisque sordidarum animarum. Illic nampe spiritus, seu umbrae, comperiantur se exhibentes manifestos humanis miseris submersorum, sive alio violento casu enectorum*. Cf. o epitome publicado em 1561 em Antuérpia por Christophe Plantin com o título de *Histoire des Pays Septentrionaux*, II, 3, f. 2o ro.-vo.: "Há nesta ilha coisas admiráveis e como que milagrosas. Entre outras, há um rochedo que queima e arde continuamente como faz o monte Etna (ou Mongibel) e os habitantes da região acreditam que é um precipício do inferno no qual as almas dos falecidos fazem penitência. E dizem que aí se costuma ver almas e espíritos mostrarem-se reveladamente (...).  
— A passagem em questão da *Cosmografia Universal* de Thevet pode ser relacionada com o mito babelaisiano das Palavras congeladas (*Quarto Livro*, cap. 55-6), ao qual replicará mais tarde o cosmógrafo no *Gl*, I, f. 147 ro.-147 vo. (ver R. Schlesinger e A. P. Stabler, *André Thevet's North America*, Montreal, 1986, pp. 235-6).
- 16 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XXI, 1, f. 905 vo.-906 ro. (2ª paginação).
- 17 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XVI, 11, f. 674 ro.
- 18 Ver Elfriede Regina Knauer, *Die Carta Marina des Olaus Magnus von 1539*, Göttingen, Grata-Verlag, 1981, p. 41 sqq.: "Der mehrfache Sinn der Carta Marina.
- 19 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, f. 190 vo. Sobre as circunstâncias deste milagre e o eco considerável dado a ele pela propaganda contra-reformada, ver François Secret, *L'Ésotérisme de Guy Le Fèvre de La Boderie*, Genebra, Droz, 1969, pp. 17-8.
- 20 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, IX, 5, f. 294 vo.
- 21 Idem, *ibidem*.
- 22 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, XII, 10, f. 441 ro.: "Isto também observei entre os Selvagens da Antártica: os quais vendo que comiamos toucinho velho e rançoso, que fazia as vezes de galos capões e perdizes, repreendiam-nos dizendo como era possível podermos viver tão longamente e que estivéssemos com vida, visto que aquela sujeira era inteiramente danosa ao corpo dos homens.
- 23 Thevet, *Cosmografia Universal*, *ibidem*, na seqüência da passagem precedente.
- 24 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, II, 8, f. 49 ro. O trecho é utilizado para refutar as "asneiras de Pomponius Mela, ao falar do lago Themys no Egito, onde se veria "uma ilha flutuante sobre a água, "de um tamanho espantoso, coberta de "paisagens, terras incultas, bosques, florestas e, em alguns lugares, belas cidades. A referência aos "meus Selvagens da França Antártica é então destinada a desvalorizar a pseudociência dos Antigos.  
— A menção aos selvagens do Brasil, em sua função de desqualificação, encontra-se no *Grande Insular* (II, f. 118 vo.-119 ro.), para condenar as afirmações de S. Münster no tocante às fontes da juventude, Cereu e Neléia, situadas antigamente na ilha de Eubéa: "Que se ele falasse a verdade, haveria vários milhares de pessoas que, tristes de estarem com a barba branca, não poupariam dinheiro para viajar até as fontes milagrosas, e mandariam vir água para ferrar o queixo e renovar a barba (...). Os nossos Margajás, Peruvianos e Mexicanos tratariam bem de ficar longe das fontes, uma vez que, como já disse, eles arrancam todo os pelos do rosto (...) Mas isto é pantagruelizar demais.
- 25 Eu indico aqui a fecunda reflexão de Hélène Clastres, "Sauvages et Civilisés au XVIIIe siècle, in François Châtelet (ed.), *Les Idéologies*, Paris, Hachette, 1978, e Marabout Université, 1981, t. III, pp. 191-210.
- 26 Sobre o trabalho de De Gérando e seus pressupostos ideológicos, ver, além da referência dada à nota precedente, o estudo de Brita Rupp-Eisenreich, "Christoph Meiners et Joseph-Marie de Gérando: un chapitre de comparatisme anthropologique, in D. Droixhe e Pol-P. Gossiaux (ed.), *L'Homme des Lumières et la découverte de l'autre*, Bruxelles, Éditions de l'Université de Bruxelles, 1985, pp. 21-47.
- 27 Paul Jove (Paolo Giovió), *Histoires* (Lyon, G. Rouillé, 1552, livros XVII e XVIII, p. 277 sqq.), forneceu especialmente a Thevet, *Cosmografia Universal*, I, f. 37-38, o relato da tomada do Cairo por Selim em janeiro de 1517. Sobre a coletânea de Sansovino, ver Stéphane Yérasimos, "De la Collection de Voyages à l'Histoire Universelle: la *Historia Universale de Turchi* de Francesco Sansovino, in *Turcica*, t. XX, 1988, pp. 19-41.

- 28 Sobre dois destes "colóquios, ver David Dalby e P. E. H. Hair, "Le Langaige de Guynee: a sixteenth century vocabulary from the Pepper Coast, in *African Language Studies*, V, 1964, pp. 174-91 e "Le Langaige du Brésil: A Tupi Vocabulary of the 1540s., in *Transactions of the Philological Society* 1966, Oxford, 1967, pp. 42-66.
- 29 Segundo o dicionário de Littré, s.v. "margajat, que, para o sentido figurado, dá dois exemplos tirados de Boursault e Voltaire. Thevet, que emprega pela primeira vez a palavra em francês (*Cosmografia Universal*, II, XXI, *passim*), não é mencionado.
- 30 Thevet, *Cosmografia Universal*, I, f. 137 ro.
- 31 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XXI, 14, f. 941 ro.-vo. Cf. S. Lussagnet (ed.), *Le Brésil et les Brésiliens*, 1953, p. 178.
- 32 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XXI, 5, f. 916 vo. (S. Lussagnet, p. 55) Cf. Thevet, *H2V*, f. 47 vo., em que esta passagem é retomada.
- 33 Thevet, *HI*, II, livro VI, cap. 103, f. 530 ro.-532 vo.: "Robert Gaguin – Sobre a obra de Robert Gaguin, consultar-se-á principalmente Franco Simone, *Il Rinascimento Francesi, Studi e Ricerche*, Turim, Società editrice Internazionale, "Biblioteca di Studi Francesi, nº 1, 1965, I, cap. 2, 3 e 4.
- 34 Trata-se do jurista consulto Jasão de Maino ou Mayno (1435-1519). Ver Michel Reulos, *Comment Transcrire et Interpréter les Références Juridiques*, Genève, Droz, 1985.
- 35 Thevet, *HI*, II, f. 532 vo., *in fine*.
- 36 Ver Suzanne Lussagnet, *op. cit.*, 1953, p. 40, nota 1. – Poder-se-ia, evidentemente, pensar em outro tipo de aproximação onomástica: o *maire* relacionando-se, pela etimologia latina, ao *maior* no sentido de ancestral, de primogênito ou de principal (ver os dicionários de Godefroy, Huguier e o *FEW* de Walter von Wartburg, s. v. *maior*). Mas não é seguro que Thevet empregue alhures esta palavra, com o acréscimo deste valor de substantivo, enquanto que o tupinambá *maira*, afrancesado em *mair(e)*, tem um emprego familiar após a *Cosmografia Universal*. O que reforça nossa hipótese é a associação do "Mair à atividade discursiva. Das "fábulas das "boas pessoas à "mithistória de Jean Lemaire, a função dos mairs do Brasil e da França se encerra sob o termo genérico de "discurso – e, em especial, de discurso das origens.
- 37 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XXI, cap. 4 a 6: "Do Cabo Frio e da leviana crença dos Selvagens da dita região; "Instituição do grande Caraiiba e das transformações produzidas por seus profetas; "Sentido das transformações e crenças deste povo (cap. 3 a 5 da edição de S. Lussagnet).
- 38 Hélène Clastres, *La Terre Sans Mal. Le Prophétisme Tupi-guarani*, Paris, Éditions du Seuil, 1975, p. 51.
- 39 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, XXI, 6, f. 918 ro.; cf. *H2V*, f. 48 vo.
- 40 Ver as notas 54 e seguintes do capítulo II de *L'Atelier du Cosmographe*.
- 41 Ver notas 106 a 108 de *Le Huguénot et le Sauvage*, Paris, 1990, cap. III, para referência às circunstâncias históricas desta tradução.
- 42 *The New Found Worlde, or Antarctike (...) Travailed and Written in the French Tong, by that Excellet Learned Man, Master Andrewe Thevet*, Londres, by Henrie Bynneman, for Thomas Hacket, 1568, f. \*2ro., (carta) "To the right honorable Sir Henrie Sidney, Knight of the most Noble order of the Garter, Lorde President of Wales, and Marches of the same, Lord Deputie Generall of the Queenes Ma-jesties Realme of Ireland, Your humble Orator Thomas Hacket wisheth the favoure of God, long and happy life, encrease of honor, continuall health and felicitie. Eis aqui o início desta epístola: "None are more to be commended (right Honorable) than those who wer the first inventers and finders out of Artes and Sciences, wherwith mankind is beautified and adorned, without the wich giftes he were but naked, barbarous and brutish, yea and a servile creature. It was not for nothing that the elders in times past did so muche celebrate the instituters of those things: as Herodotus writeth, that the Egipians before all other men firstfound out the yere by the course of the Planets, and divided it into xij. monthes. Diodorus assigned it to the Thebanes, the which standeth well with the opinion of Herodotus, because the Thebanes be a nation of Egipt. As Numa added to the yere Ianuary and February, Romulus ordred Marche, Aprill, and May, Augustus an other part, and so Iulius Caesar made up the perfect yere, as Polidorus Vergilius witnesseth in his boke *De inventoriibus rerum*.
- Sobre o projeto de Polidoro Vergílio, consultar-se-á a obra de Denys Hay, *Polydore Vergil. Renaissance Historian and Man of Letters*, Oxford, The Clarendon Press, 1952, cap. III: "De Inventoriibus Rerum, assim como um capítulo de Jean Seznec, *La Survivance des dieux antiques*, 2ª ed., Paris, Flammarion, 1980, cap. I, p. 25. Mas, ao contrário do que pensa Seznec, não são os excessos evermeristas que levaram Polidoro Vergílio a ter seu *Dos Inventores* mencionado no Index, porém, muito mais, o seu erasmianismo. Com efeito, a edição aumentada em 1521 da compilação reservava o melhor quinhão para a Igreja Primitiva e criticava as "invenções, em matéria de instituição eclesíástica, posteriores ao tempo dos Apóstolos. Este é o conteúdo subversivo, que lá na mesma direção da *Épitome Topographica* de Vadianus, visado em 1549 pela quarta edição do *Index de l'Université de Paris* (ver J. M. De Bujanda, F. M. Higman e J. K. Farge, ed.), Sherbrooke e Genebra, 1985, p. 249, no. 243.
- Denys Hay, *op. cit.*, p. 65, sublinhou justamente a violência com a qual, na dedicatória dos cinco últimos livros acrescentados em 1521, Polidoro Vergílio denuncia "the jungle of Judaic observances spreading over the field of the Lord. É o que o faz condenar os padres que encorajam o povo a venerar as imagens da Sagrada Família e indignar-se com o comércio das relíquias.
- Nem Héret, nem Thevet, não mais que Belleforest, aliás (ver mais além a nota 45), parecem chocados com semelhantes audácias.
- 43 *Ibidem*, f. \*3 vo.: "Thus (right honorable) we see, the valiant and curagious personages of the world have brought to passe many excellent enterprises, so that their name shall never dye, atcheved as well by sea as by lande, as this worthy traveller Andrewe Thevet, in this his Navigations of the New found World, which I have dedicated unto your honor...
- 44 Ver Pierre-François Fournier, "Un collaborateur de Thevet pour la rédaction des *Singularités*, *CTHS. Bulletin de la Section de Géographie*, t. XXXV, 1920, p. 39-42, e as notas 50 e 51 de meu estudo *André Thevet, cosmographe des derniers Valois*, Genebra, Droz, 1991, cap. IV.



- 45 SFA, cap. 30, f. 57 vo. Cf. Polidoro Vergílio, livro II, cap. 9. "Daquele que em primeiro lugar encontrou a arte da memória: demonstrou-a e daqueles que nela floresceram, f. 63 vo.: "Ciro, rei dos persas, possuía tanta memória graças a esta arte, que dizia todos os nomes dos homens de seu exército. Cinéas, legado do rei Pirro, ao dia seguinte de sua chegada em Roma, nomeou de memória todos os homens em qualquer ordem, Mitridates conheceu vinte e uma línguas (...). Nós diremos ainda que César lia e escrevia, compunha e escutava, ao mesmo tempo, segundo Espartano. Citamos segundo a tradução francesa de 1544: *Polidoro Vergile historiographe nouvellement traduit de Latin en Francois, declairant les inventeurs des choses qui ont estre*, Paris, Jehan Longis e Vincent Sertenas (BN: Q. 29945). Também consultamos a tradução francesa de Belleforest, *Les Memoires et histoire de l'origine, invention et authheur des choses. Faicte en Latin, et divisée en huic livres, par Polydore Vergile natif d'Urbis: et traduite par François de Belle-forest Comingeois*, Paris, Robert Le Mangnier, 1576.
- 46 Thevet, SFA, cap. 31, f. 59 ro.
- 47 Polidoro Vergílio, *Las Inventeurs des Choses*, 1544, livro III, cap. 17. Cf. Belleforest, trad. citada, p. 350: "Plutarque en son Theses. — Neste ponto é preciso corrigir minha edição das SFA, 1983, p. 61, nota 3, em que eu indicava Plutarco (*Vie de Thésée*, cap. V, "Bibl. de la Pléiade, pp. 4-5) como fonte da passagem. Na verdade, Polidoro Vergílio serviu de intermediário, e talvez aí esteja a origem do contra-senso de Thevet, loc. cit.: "E de fato consideramos que Alexandre, rei da Macedônia, ordenou a seus homens que agarrassem os macedônios pelos cabelos e barba, que tinham longos, porque não havia então barbeiros para cortá-los ou raspá-los.
- 48 Thevet, SFA, cap. 36, f. 68 vo.: "Desta (= a magia) diz-se terem sido inventores Zoroastro, não aquele tão conhecido, mas o filho de Oromásio. Cf. Polidoro Vergílio, op. cit., I, 22; trad. de F. de Belleforest, 1576, p. 119.
- 49 Thevet, SFA, cap. 35, f. 65 ro.: "Nós concordaríamos neste ponto com Filon, o primeiro a interpretar os sonhos, e segundo Trogo Pompeius, que depois foi também excelente nesta mesma ciência. Segundo a opinião de Plínio, foi Anfiteon o primeiro intérprete. Cf. Plínio, *Histoire Naturelle*, VII, 56. O capítulo intitulado "Des Premiers Inventeurs de Plusieurs Choses (trad. de Antoine Du Pinet, 1581, pp. 286-90) é largamente utilizado por Polidoro Vergílio. Cf. a tradução de F. de Belleforest, I, 24, p. 127.
- 50 Thevet, SFA, cap. 38, f. 71 ro.-vo.: "Ao serem atacados, eles lançam flechadas uns aos outros confusamente, dão golpes de maças e espadas de madeira, a ponto de não haver passatempo melhor do que ver semelhante refrega. — Agarram-se e mordem-se com os dentes em todos os lugares que possam encontrar, através dos seus lábios perfurados.  
Esta guerra selvagem, cuja pintura parece feita ao vivo, inspira-se de fato num modelo traçado por Polidoro Vergílio (II, 10, ed. de 1544, f. 64, ro.-vo.): "Os antigos, antes do uso das armas, usavam lutar com punhos, calcanhares e mordendo com os dentes: esta era a primeira maneira das batalhas. Em seguida, combateu-se atirando pedras e com golpes de cajado, segundo o testemunho de Heródoto em seu livro quarto (...). Diodoro afirma em seu livro primeiro que as maças e a pele do leão eram apropriadas para Hércules combater, uma vez que, nem antes, nem em seu tempo, haviam armas. As injúrias eram vingadas com grandes maças de madeira e a gente de armas estava coberta e protegida apenas com peles de animais.  
— Assim, se for seguida a lição de Polidoro Vergílio, observa-se que os tupinambás reuniam, em seu modo de combater, vários estágios distintos da invenção da arte da guerra.  
O mesmo capítulo 38 das SFA é devedor ainda de Polidoro Vergílio no que concerne à origem dos tratados (f. 70 vo.): "Penso que se ali estivesse Teseu, o primeiro autor das tréguas entre os gregos, ele encontraria mais obstáculos do que em seu tempo. Segundo Plutarco, *Vie de Thésée*, cap. XXXVII (Bibl. de la Pléiade, p. 29), via Polidoro Vergílio, livro II.
- 51 Thevet, SFA, cap. 42, f. 80, ro., a respeito dos "Cris, povo da Trácia, segundo Polidoro Vergílio, I, 4, ed. de 1544, f. 11: "Da origem do casamento, como os povos diferem neste sacramento e daqueles que, em público (à maneira dos animais), juntaram-se carnalmente.
- 52 Thevet, SFA, cap. 47, f. 91 vo.-92 ro., sobre a economia de troca anterior ao uso da moeda de ouro. Segundo Polidoro Vergílio, III, 16, ou Plínio, VII, 56, ed. Du Pinet, p. 288.
- 53 Thevet, SFA, cap. 53, f. 102 vo. Segundo Polidoro Vergílio, III, 14, ed. de 1544, f. 124: "Ovídio, entretanto, na oitava de suas metamorfoses diz que Perdrix, sobrinho de Dédalo, por causa de sua irmã descobriu a serra: pela semelhança da espinha, em forma de pente, que há no dorso de um peixe. Cf. Ovídio, *Metamorfoses*, VIII, versos 256-8. — A mesma página de Thevet toma ainda emprestado de Polidoro Vergílio as tradições sobre a origem das "ferramentas, tais como "cunha, "serra, "lima e pregos (Polidoro Vergílio, *ibidem*).
- 54 Thevet, SFA, cap. 54, f. 104 ro. Segundo Polidoro Vergílio, III, 7, ed. de 1544, f. 111, citando Plínio, VII, 56, e Vitruvius, *Os Dez Livros da Arquitetura*, II, 1, onde é evocada "a vida dos primeiros homens antes da invenção do fogo e das habitações fixas. Polidoro Vergílio: "Todos começaram a pensar em algum remédio contra o frio e a geada, e foi assim que se construíram pequenas edificações de barro e paredes feitas de terra comum, que se mantinham de pé por meio de varas e galhos entrelaçados com gravetos e vimes.
- 55 Thevet, SFA, cap. 58, f. 112 vo. e 113 vo., sobre a vida dos primeiros homens e a origem da agricultura. Polidoro Vergílio, III, 2, ed. de 1544, f. 99, já produzira uma pequena síntese sobre a questão. A ele Thevet deve particularmente, f. 113 vo., a referência a Virgílio, *Geórgicas*, I, verso 125: "Antes de Júpiter nenhum lavrador trabalhava a terra....
- 56 Para Teseu, ver as notas precedentes 47 e 50, *in fine*; para César, ver a nota 45. Quanto a Licurgo e Sólon, legisladores de Esparta e Atenas, as *Viúvas gêmeas* redigidas por Plutarco recomendaram aos homens do Renascimento as suas sabedorias antiléticas. Thevet mostrou-se tributário na CL, cap. XXVII e XXVIII. Ele evoca ainda o exemplo de Sólon nas SFA, cap. 51, f. 98 vo., a respeito das restrições impostas ao comércio do mel, segundo, sem dúvida, a afirmação de Polidoro Vergílio.
- 57 Thevet, *Hi*, II, VIII, cap. 149, 150, 147 e 145, na ordem em que foram enumerados por nós.
- 58 Todos eles "inventores mencionados no capítulo 56 do livro VII da *História Natural*.
- 59 Para esta filiação, ver Denys Hay, *Polidor Vergil, Renaissance Historian and Man of Letters*, Oxford, Clarendon Press, 1952, cap. III, p. 58.

60 Idem, *ibidem*.

- 61 Thevet, *SFA*, cap. 58, f. 113 vo. De acordo com Polidoro Vergílio, III, 2, ed. de 1544, f. 99: "No começo, segundo Plínio no prefácio ao décimo-sexto livro de suas histórias naturais, a natureza mãe de todos e de tudo não ensinava aos homens viver tão brandamente quanto hoje. Porque contentavam-se com os frutos da terra produzidos e engendrados sem que ela fosse lavrada, corrompida ou violada pelas ferramentas, assim como diz Ovídio Naso na primeira de suas *Metamorfoses* (...). Virgílio diz a esse respeito, na primeira de suas *Geórgicas* (...) O labor foi acrescentado e unido aos centeios e outros trigos quando se soube que as florestas queriam ser estéréis: e mesmo a de Dodona já começava a recusar seu fruto (...).
- 62 Como mostra Du Bartas no *Eden* (*Seconde Semaine, Premier Jour*), verso 271 sqq. Ver sobre este ponto a minha comunicação: "L'Art imite la Nature / La Nature imite l'Art: Dieu, Du Bartas et l'Éden, in *Actes du Colloque Guillaume de Saluste du Bartas* (Pau, 1966), Lyon, La Manufacture, 1968, pp. 167-84.
- 63 O lapso de Thevet (*SFA*, f. 113 vo.), que afastou Caim em proveito de Abel, o pastor, provocará os sarcasmos de Jean de Léry, *HIV*, 3ª ed., Genebra, 1585, Prefácio, f. qq3: "Ele publicou sua ignorância ao dizer que as Santas Escrituras fazem menção da lavoura de Abel, uma vez que, se ele puser os óculos, verá que este era pastor de ovelhas, e seu irmão Caim lavrador de terra.
- 64 Thevet, *SFA*, cap. 36, f. 68 ro.
- 65 Thevet, *SFA*, cap. 35, f. 65 ro.-vo. A conclusão do capítulo é tão significativa quanto inexata: "...e são realmente ídólatras, nem mais nem menos que os antigos Gentios.
- 66 Ver sobre este ponto Suzanne Lussagnet, op. cit., 1953, p. 39, nota 2, e p. 45, nota 1. A opinião do dilúvio é evocada nas *SFA*, cap. 53, f. 101 vo.- 102 ro. É sabida a importância que os missionários dão a este mito, onde descobrem a prefiguração do cristianismo e a prova da unidade da Revelação.
- 67 Thevet, *SFA*, cap. 58. Para a invenção da cultura da batata-doce e do milho pelo mesmo Maire, ver *Cosmografia Universal*, II, XXI, cap. 6, f. 918 ro. (S. Lussagnet, pp. 61-2). Cf. *H2V*, f. 48 ro.: Maire-Monan, que surgiu como avatar de uma criança e foi surrado pelos índios, "fazia chover sobre eles raízes, chamadas Yetic, que eram como os nossos rabinetes, e painço, que chamam *Avaty* .
- 68 No capítulo XVI de sua *HIV*.
- 69 Suzanne Lussagnet, pp. 39, 43-5, e 66-72. Cf. Pierre Clastres (*Le Grand Parler. Mythes et Chants Sacrés des Indiens Guarani*, Paris, Seuil, 1974, pp. 95-9), que reproduz, sob a rubrica de "Aventures des Jumeaux, um largo excerto da *Cosmografia Universal*, II, f. 919-920, transcrito anteriormente por S. Lussagnet, pp. 66-72.
- 70 Claude Lévi-Strauss, *Anthropologie Structurale*, Paris, Plon, 1958, cap. 11: "La Structure des Mythes, p. 252.
- 71 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, f. 918 vo. (S. Lussagnet, p. 65).
- 72 Thevet, *Cosmografia Universal*, II, f. 920 ro. (S. Lussagnet, p. 71).
- 73 Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Rhizome (Introduction)*, Paris, Minuit, 1976. O sistema "rizomático define-se por oposição ao sistema arborescente (hierarquizado), e, por outro lado, ele se caracteriza pela abertura para o exterior (p. 66).
- 74 Thevet, *SFA*, cap. 58, f. 113 vo.
- 75 Thevet, *SFA*, cap. 53, f. 101 vo., à margem.
- 76 Thevet, *SFA*, *ibidem*. Na passagem equivalente da *Cosmografia Universal* (XXII, 12, f. 937, vo.; S. Lussagnet, p. 161), Thevet não reproduziu a expressão abreviada.
- 77 Jean de Léry, *HIV*, 2ª ed., 1580, cap. 18, p. 288: "Entretanto, não quero dizer com isso, ainda menos crer ou fazer crer, o que alguém colocou em seus escritos: a saber, que os selvagens da América (de que passo a falar), antes da invenção de fazer fogo, secassem suas carnes à fumaça; porque da mesma forma que considero esta máxma extraída da Física e transformada em provérbio muito verdadeira: a saber, que não há fogo sem fumaça, também pelo contrário, deduzo eu não ser bom naturalista aquele que faz crer que há fumaça sem fogo. Entendo como fumaça, da mesma forma que aquele de que falo quer dar a entender, aquilo que possa cozinhar as carnes: assim, se ele, como salvação, dissesse estar falando de vapores e exalações, ainda que lhe concedêssemos que as há quentes, entendido que sejam tais que possam secar, e que, caso contrário, fosse carne ou peixe, elas os tornariam antes pegajosos e úmidos: a resposta será que isto é zombar de todos. Considerando, pois, que este autor, tanto em sua *Cosmografia* quanto alhures, queixa-se muito e muitas vezes daqueles que, ao não falar a seu gosto das matérias que ele trata, diz não terem lido bem os seus escritos: rogo aos leitores que notem bem a passagem extraordinária que acabo de contar a respeito de sua nova fumaça, quente e estapalúrdia, que mando de volta ao seu cérebro de vento.  
- Paul Giffaret, em sua edição das *Singularidades* (Paris, Maisonneuve, 1878, p. 267, nota 1), não mostrara mais compreensão por uma semelhante "ingenuidade.
- 78 Claude Lévi-Strauss, *Le Cru et Le Cuit (Mitológicas, I)*, Paris, Plon, 1964, mitos M. 7 a M. 12.
- 79 Thevet, *SFA*, f. 101 vo.
- 80 Thevet, *SFA*, cap. 61, f. 119 vo.
- 81 Para a análise do "pensamento mítico em ação nas descrições do canibalismo tupinambá no Renascimento, ver meu estudo: "Rage, Fureur, Folies Cannibales: le Scythe et le Brésilien, in Jean Céard (ed.), *La Folie et le Corps*, Paris, Presses de l'École normale supérieure, 1965, pp. 49-80, e sobretudo pp. 49-58.
- 82 Claude Lévi-Strauss, *La Pensée Sauvage*, Paris, Plon, 1962, cap. I, p. 31: "Compreende-se assim que o pensamento mítico, embora colado às imagens, possa já ser generalizador, logo, científico.